A produção científica relacionada à Arquivística no Brasil: configuração de um campo extradisciplinar

Angelica Alves da Cunha Marques (PPGCInf/UnB, angelicacunha@unb.br)
Georgete Medleg Rodrigues (PPGCInf/UnB, medleg.georgete@gmail.com)

RESUMO

Esta comunicação apresenta alguns dos resultados de uma dissertação de mestrado, relativos à configuração extradisciplinar da Arquivística no Brasil, ou seja, às suas relações com outras disciplinas em termos da produção científica relacionada à área. Buscou-se identificar e compreender os conceitos de interdisciplinaridade, pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade a partir de estudos de várias áreas, dentre as quais se destacam a Filosofia, a Sociologia, a Educação e a Ciência da Informação. Em seguida, foram mapeados projetos de iniciação científica desenvolvidos nos Cursos de Biblioteconomia e Arquivologia e dissertações/teses produzidas nos vários programas brasileiros de pós-graduação. O mapeamento dos projetos de iniciação científica consistiu num levantamento das pesquisas nos sítios eletrônicos dos cursos, bem como no envio de correspondências, eletrônicas e tradicionais, às suas coordenações. No caso das teses e dissertações, além de visitas aos sítios dos programas de pós-graduação, foi feito um mapeamento no Banco de Teses da CAPES. Essas pesquisas, consideradas como canais de diálogos entre a Arquivística e as demais áreas que lhe são próximas, sobretudo em relação à Ciência da Informação, parecem configurar as fronteiras entreabertas da disciplina no campo do conhecimento e evidenciar os desdobramentos da sua trajetória quanto aos seus vínculos acadêmico-institucionais e à formação dos docentes dos Cursos de Arquivologia do Brasil, aspectos que se entrecruzam no desenvolvimento histórico da área. Conclui-se que esses diálogos extradisciplinares são base indispensável de sua identidade como disciplina científica.

PALAVRAS-CHAVE

1) Arquivística; 2) Relações extradisciplinares; 3) Produção científica.

1. Introdução

Os dados e discussões aqui apresentados resultam de uma dissertação de mestrado, defendida em 2007, no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), tendo como tema *os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil* (MARQUES, 2007).

O pressuposto subjacente a essa pesquisa foi o de que a Arquivística, em seu processo de formação como disciplina científica no Brasil, estabeleceu diálogos com outras disciplinas e áreas do conhecimento. Nesse sentido, tomamos como hipótese que a configuração do "campo científico" da Arquivística no Brasil é igual à interação entre os seus campos disciplinar e extradisciplinar.

O conceito de *campo científico* é utilizado aqui conforme Bourdieu (1983, p. 122), ou seja, como "o espaço de jogo de uma luta concorrencial", o qual, na nossa concepção, abrange tanto o *campo disciplinar* (em relação à busca por autonomia de uma disciplina), como o *campo extradisciplinar* (quanto ao conjunto de relações entre disciplinas).

O conceito de *Campo extradisciplinar* inspira-se em Morin, o qual fala de um *olhar extradisciplinar*, de *invasões e migrações interdisciplinares*, de *objetos e projetos inter-poli-transdisciplinares*, de *esquemas cognitivos reorganizadores* a fim de tecer reflexões *para além das disciplinas*. Essas expressões e conceitos inserem-se no que Morin chama de "espantosa variedade de circunstâncias que fazem progredir as ciências, quando rompem o isolamento entre as disciplinas" (MORIN, 2005).

Já a expressão *campo do conhecimento* é utilizada como sinônimo de *campo do saber*, relacionando-se à produção científica de uma disciplina. Ou seja, o campo do saber arquivístico insere-se numa perspectiva maior, seu campo científico, o qual, por sua vez, é simultaneamente disciplinar e extradisciplinar, como será exposto.

Para o mapeamento do campo do saber arquivístico, identificamos a produção científica relacionada à área em duas etapas: 1) os projetos de iniciação científica desenvolvidos nos Cursos de Biblioteconomia e Arquivologia; 2) e as dissertações e teses produzidas nos vários programas brasileiros de pós-graduação.

Na primeira etapa, o mapeamento consistiu num levantamento dos projetos nos sítios eletrônicos dos cursos, bem como no envio de correspondências, eletrônicas e tradicionais, às suas coordenações.

Na segunda etapa, para o mapeamento das dissertações e teses com temáticas relacionadas à Arquivística, identificamos, inicialmente, os programas de pós-graduação do Brasil, distribuídos em universidades federais e privadas, que poderiam, em princípio, abrigar linhas de pesquisa ou temáticas próximas da Arquivística[1]. Em seguida, visitamos os sítios de diversos programas de pós-graduação *stricto sensu*[2]. Posteriormente, realizamos pesquisas no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a exemplo da metodologia seguida por Fonseca (2004)[3]. A classificação das pesquisas mapeadas seguiu o modelo de "campos de pesquisa" da Arquivística proposto por Couture, Martineau e Ducharme (1999)[4], aliado ao de *classificação facetada* (ARAÚJO, 2006).

Segundo Araújo (2006, p. 1168), a classificação facetada "surgiu com o objetivo de organizar coleções de documentos em sistemas dinâmicos e multidimensionais. Assim, antes de mais nada, deve-se ter em mente que a classificação facetada constitui uma das teorias da classificação bibliográfica" (2006, p. 1168). Assim, esse autor, ao recorrer a Barbosa, lembra que "O diferencial do sistema classificatório proposto por Ranganathan é a utilização de uma estrutura dinâmica, multidimensional, com a introdução do termo faceta 'que ficou sendo, nos modernos estudos sobre teoria da classificação, o substituto de característica'" (BARBOSA, 1969 apud ARAÚJO, 2006, p. 1171).

Nessa abordagem, tomamos os campos de pesquisa apontados por Couture, Martineau e Ducharme (1999) como facetas, ou seja, como caracterizadores temáticos. Assim, um projeto de iniciação científica ou uma dissertação/tese, por exemplo, poderiam ser classificados dentro de mais de um campo temático de pesquisa.

2. O campo extradisciplinar: algumas definições

Pareceu-nos incoerente delimitar o campo científico da Arquivística, pensando apenas no seu aspecto disciplinar, pois todas as disciplinas visitam e são visitadas por outras disciplinas e áreas do conhecimento e, ao estabelecerem diálogos, apropriam-se e, muitas vezes, ressignificam definições alheias. Os diferentes graus dessas

apropriações e ressignificações podem ser traduzidos em intensidades de integração distintas entre diferentes disciplinas, como apontam Pombo, Guimarães e Levy (1994, p. 36).

Esses autores pontuam que diversos conceitos são construídos com base na "diferente **prefixação** da palavra disciplinaridade. Nesse sentido, a etimologia do prefixo 'inter' poderia explicar a [...] centralidade e carácter intermédio do conceito de interdisciplinaridade" (1994, p. 12, grifo dos autores).

Em suas reflexões no âmbito do ensino/aprendizagem, eles ainda partem de dois consensos propostos por estudiosos da área: 1) as *distinções triádicas*, que se referem às diferenças entre o conceito de *interdisciplinaridade* e os conceitos de *pluridisciplinaridade* e de *transdisciplinaridade*; 2) e uma *posição intermediária* ou *intervalar*, que considera a *interdisciplinaridade* mais que a *pluridisciplinaridade* e menos que a *transdisciplinaridade*. Eles ainda salientam que, "enquanto conceitos caracterizadores de diversificadas práticas de ensino, devem ser entendidos como momentos de um mesmo **contínuo**: o processo contínuo de **integração disciplinar**" (POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 11, grifo dos autores).

Jantsch, por sua vez, propõe os seguintes níveis de cooperação e de coordenação no sistema de inovação do ensino:

Quadro 1: Modalidades de relações entre disciplinas

Modalidade	Definição
Multidisciplinaridade	Gama de disciplinas que propomos simultaneamente, mas sem explicitar as relações que podem existir entre elas.
Pluridisciplinaridade	Justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a destacar as relações existentes entre elas.
Disciplinaridade cruzada	Axiomática de uma só disciplina imposta a outras disciplinas de um mesmo nível hierárquico, a qual cria uma polarização rígida de disciplinas sobre a axiomática própria de uma disciplina.
Interdisciplinaridade	Axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível ou sub-nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de finalidade.
Transdisciplinaridade	Coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino/ inovação, sobre a base de uma axiomática geral.

Fonte: elaboração própria, a partir de Jantsch (1972, 108-109, tradução nossa).

Essas modalidades são, comumente, denominadas de *interdisciplinaridade*, sem distinção das suas definições. Assim, a *interdisciplinaridade* é abordada por vários autores, de formas distintas, como podemos constatar no quadro que segue:

Quadro 2: Definições de *interdisciplinaridade*

Autor	Definição
Japiassu	A interdisciplinaridade se caracteriza pela *intensidade das trocas* entre os especialistas e pelo *grau de integração real* das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa (JAPIASSU, 1976, p. 74).
Pinheiro	Relações interdisciplinares são relações de troca teórica e metodológica e, para que tal ocorra, é imprescindível clareza para identificar, entre as disciplinas envolvidas, onde se dá o encontro ou a interseção de duas áreas do conhecimento (PINHEIRO, 1999, p. 164).
Gomes	A interdisciplinaridade só se concretiza a partir do diálogo concreto entre as disciplinas que pode ser constatado quando conceitos, teorias, métodos e campos de investigação migram, transitam nos vários sentidos das regiões fronteiriças (GOMES, 2001).
Morin	A interdisciplinaridade pode significar, pura e simplesmente, que diferentes disciplinas são colocadas em volta de uma mesma mesa, como diferentes nações se posicionam na ONU, sem fazerem nada além de afirmar, cada qual, seus próprios direitos nacionais e suas próprias soberanias em relação às invasões do vizinho. Mas interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser alguma coisa orgânica (MORIN, 2005, p. 115).
Follari	A inter-relação orgânica dos conceitos de diversas disciplinas a ponto de constituir uma espécie de 'nova unidade', que subsume em um nível superior, as contribuições de cada uma das disciplinas particulares (FOLLARI, 1982, p. 27, tradução nossa).
Pombo, Guimarães e Levy	Qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objetivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objeto comum (POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 13).
Berger	Interação existente entre duas ou mais disciplinas: essa interação pode ir da simples comunicação de idéias até a integração mútua de conceitos diretores, da epistemologia, da terminologia, de procedimentos, de dados e da organização da pesquisa e do ensino correspondentes (BERGER, 1972, p. 23, tradução nossa).
Palmade	Integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber (PALMADE, 1979, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 93).
Jantsch	Princípio de organização que tende à coordenação, sob dois planos, dos termos, dos conceitos e das configurações disciplinares, característica de um sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos. O ponto importante, nessa concepção, é que, pelo estabelecimento de vínculos interdisciplinares entre esses níveis de organização, os conceitos, as estruturas e os objetivos das disciplinas científicas, definidos nesses níveis, as modificam. As disciplinas científicas são, portanto, coordenadas por uma axiomática comum – um ponto de vista ou um objetivo comum (JANTSCH, 1972, p. 106-107, tradução nossa).
Piaget	Nível em que a colaboração entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz às interações propriamente ditas, ou seja, a uma certa reciprocidade de intercâmbios, de forma que exista um enriquecimento mútuo (PIAGET, 1972, p. 142, tradução nossa).
Marion	Cooperação de várias disciplinas científicas no exame de um mesmo e único objeto (MARION, 1978, apud POMBO, GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 93).
Thom	Transferência de problemática, conceitos e métodos de uma disciplina para outra (THOM, 1990[5], apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY,1994, p. 93).
Delattre	Tentativa de elaboração de um formalismo suficientemente geral e preciso que permita exprimir na única linguagem dos conceitos, as preocupações e as contribuições de um número considerável de disciplinas que, de outro modo, permaneceriam acantonados nos seus dialetos respectivos (DELATTRE, 1973, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 93).
Resweber	A interdisciplinaridade ultrapassa a pluridisciplinaridade porque vai mais longe na análise e confrontação das conclusões, porque procura a elaboração de uma síntese a nível de métodos, leis e aplicações, porque preconiza um regresso ao fundamento da disciplina, porque revela de que modo a identidade do objeto de estudo se complexifica através dos diferentes métodos das várias disciplinas e explicita a sua problematicidade e mútua relatividade (RESWEBER, 1981, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 93).

Fonte: elaboração própria, a partir de Japiassu (1976), Pinheiro (1999), Gomes (2001), Morin (2005a), Follari (1982), Pombo, Guimarães e Levy (1994), Berger (1972); Jantsch (1972); Piaget (1972); Palmade (1979)[6], Marion (1978)[7], Delattre (1973)[8] e Resweber (1981)[9] – citados por Pombo, Guimarães e Levy (1994).

Quanto aos outros níveis de relações entre disciplinas, ou seja, os dois extremos da integração disciplinar apontados por Pombo, Guimarães e Levy (1994, p. 36), devemos nos lembrar das diferentes definições de *pluridisciplinaridade* e de *transdisciplinaridade*. É importante ressaltar que, segundo os autores, ainda existe o termo *multidisciplinaridade*, que é freqüentemente utilizado como sinônimo de *pluridisciplinaridade* (POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 37).

A seguir, são apresentados três quadros com as definições, bem próximas, de *multidisciplinaridade* e de *pluridisciplinaridade* e com as de *transdisciplinaridade*, visivelmente distintas das duas anteriores, conforme a concepção de diferentes autores.

Quadro 3: Definições de *multidisciplinaridade*

Autor	Definição
Berger	Justaposição de disciplinas diversas, às vezes sem relação aparente entre si. Ex: música + matemática + história (BERGER, 1972, p. 23, tradução nossa).
Japiassu	O termo *multidisciplinar* evoca uma simples justaposição, num trabalho determinado, dos recursos de várias disciplinas, sem implicar, necessariamente, um trabalho de equipe e coordenado. Quando nos situamos no nível do simples multidisciplinar, a solução de um problema só exige informações tomadas de empréstimo a duas ou mais especialidades ou setores de conhecimento, sem que as disciplinas levadas a contribuírem por aquela que as utiliza, sejam modificadas ou enriquecidas (JAPIASSU, 1976, p. 72-73).
Palmade	A multidisciplinaridade orienta-se para a interdisciplinaridade quando as relações de interdependência entre as disciplinas emergem. Passa-se então do simples "intercâmbio de idéias" a uma cooperação e a uma certa compenetração das disciplinas (PALMADE, 1979, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 95).
Piaget	Quando a solução de um problema requer a obtenção de informações relacionadas a uma ou mais ciências ou setores do conhecimento, sem que as disciplinas que são convocadas por aqueles que as utilizam sejam alteradas ou enriquecidas por isso (PIAGET, 1972, p. 141, tradução nossa).

Fonte: Elaboração própria, com base em Berger (1972), Japiassu (1976), Palmade (1979, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994) e Piaget (1972).

Quadro 4: Definições de *pluridisciplinaridade*

Autor	Definição
Berger	Justaposição de disciplinas, mais ou menos vizinhas nos domínios do conhecimento. Ex: domínio científico: matemática + física, ou domínio das letras: francês + latim + grego (BERGER, 1972, p. 23, tradução nossa).
Dellatre	Simples associação de disciplinas que concorrem para uma realização comum mas sem que cada disciplina tenha que modificar sensivelmente a sua própria visão de coisas e os métodos próprios (DELLATRE, 1973 apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 13).
Gusdorf	Justaposição de especialistas estranhos uns aos outros. Ponto de vista estritamente qualitativo e algo ingênuo. Consiste em reunir pessoas que nada têm em comum, cada qual falando sem escutar os outros, aos quais nada têm a dizer e dos quais nada querem ouvir (GUSDORF, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 96).
Michaud	Justaposição de duas ou mais disciplinas, sem que haja relação entre elas; ou melhor, é o encontro que pode permitir, ocasionalmente, empréstimos recíprocos (MICHAUD, 1972, p. 295, tradução nossa).
Japiassu	O termo *pluridisciplinar* realiza apenas um agrupamento, intencional ou não, de certos "módulos disciplinares", com algumas relações entre as disciplinas e visando à construção de um sistema de um só nível e com objetivos distintos, mas dando margem a certa cooperação, embora excluindo toda coordenação (JAPIASSU, 1976, p. 73).
Palmade	Cooperação de caráter metodológico e instrumental entre disciplinas e que não implica uma integração conceitual interna (PALMADE, 1979 apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 96).
Pombo, Guimarães e Levy	Qualquer tipo de associação mínima entre duas ou mais disciplinas, associação essa que, não exigindo alterações na forma e organização do ensino, supõe contudo algum esforço de coordenação entre os professores dessas disciplinas (POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 12).
Resweber	Colocação, face a face, de diversas disciplinas, visando a análise de um mesmo objeto e sem implicar a elaboração de uma síntese (RESWEBER, 1981 apud POMBO; GUIMARÃE; LEVY, 1994, p. 96).
Thom	Colaboração, em equipe, de especialistas de diversas disciplinas (THOM, 1990, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 96).

Fonte: elaboração própria, a partir de Berger (1972), Michaud (1972), Japiassu (1976), Pombo, Guimarães e Levy (1994), Dellatre (1973)[10], Gusdorf (1990)[11], Palmade (1979)[12], Resweber (1981)[13] e Thom (1990)[14] – citados por Pombo, Guimarães e Levy (1994).

Quadro 5: Definições de *transdisciplinaridade*

Autor	Definição
Berger	Implementação de uma axiomática comum a um conjunto de disciplinas (BERGER, 1972, p. 23, tradução nossa).
Gusdorf	A transdisciplinaridade evoca uma perspectiva de transcendência que se aventura para além dos limites do saber propriamente dito, em direção a uma unidade de natureza escatológica. Se cada disciplina propõe um caminho de aproximação ao saber, se cada aproximação revela um aspecto da verdade global, a transdisciplinaridade aponta para um objeto comum, situado além do horizonte da investigação epistemológica, nesse ponto imaginário em que todas as paralelas acabam por se encontrar (GUSDORF, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 97).
Jantsch	O grau último de coordenação, suscetível de existir num sistema de ensino inovador e que depende, não apenas de uma axiomática comum, decorrente de uma coordenação que tem em vista um "objetivo de sistema global" – como, também, de um reforço mútuo das epistemologias próprias a certos domínios. Com a *transdisciplinaridade*, o conjunto do sistema de ensino inovado é coordenado num sistema de níveis e objetivos múltiplos (JANTSCH, 1972, p. 107, tradução nossa).
Piaget	Etapa superior às relações interdisciplinares, que contempla, além das interações e reciprocidades entre pesquisas especializadas, as relações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas (PIAGET, 1972, p. 144, tradução nossa).
Pombo, Guimarães e Levy	O nível máximo de integração disciplinar que seria possível alcançar num sistema de ensino. Trata-se da unificação de duas ou mais disciplinas, tendo por base a explicitação dos seus fundamentos comuns, a construção de uma linguagem comum, a identificação de estruturas e mecanismos comuns de compreensão do real, a formulação de uma visão unitária e sistemática de um setor mais ou menos alargado do saber (POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 13).

Fonte: elaboração própria, com base em Berger (1972), Jantsch (1972), Piaget (1972), Pombo, Guimarães e Levy (1994) e Gusdorf (1990 apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994).

A análise desses quadros nos permite observar que não há consenso quanto a essas definições, à exceção daquela de *transdisciplinaridade*. A *multi* e a *pluridisciplinaridade* são, geralmente, definidas de formas próximas ou comuns. Quanto à *multidisciplinaridade*, Berger (1972) fala de uma "justaposição de disciplinas diversas", que parece aproximar-se da concepção de Japiassu (1976) para esse termo e daquela proposta por Michaud (1972), para a *pluridisciplinaridade*. Ainda quanto à *multidisciplinaridade*, Palmade (apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994) aponta um "simples intercâmbio de idéias", enquanto Piaget (1972), tendo em vista a solução de problemas práticos, considera a contribuição de várias disciplinas, sem alterá-las ou enriquecê-las. Essa concepção parece confundir-se com as definições de *pluridisciplinaridade* de Dellatre (1973, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994), Gusdorf (1990, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994) e de Resweber (1991, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994).

A *pluridisciplinaridade* ainda é concebida como uma "justaposição de disciplinas, mais ou menos vizinhas" (BERGER, 1972); ou como relação de cooperação entre disciplinas, mas sem coordenação (JAPIASSU, 1976), ou sem integração conceitual interna entre elas (PALMADE,

1979, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994); ou, no âmbito do ensino, como qualquer tipo de associação, que suponha coordenação entre professores (POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994); ou, ainda, de forma geral, como a "colaboração, em equipe, de especialistas de diversas disciplinas (THOM, 1990 apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994, p. 96).

A *interdisciplinaridade*, por sua vez, é definida de forma ampla, por alguns estudiosos que não apontam condições específicas para a sua existência, como é o caso de Morin (2005), Pombo, Guimarães e Levy (1994), Berger (1972), Jantsch (1972), Piaget (1972), Marion (1978, apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994), Thom (apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994), Delattre (apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994) e Resweber (apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994). Outros já apontam algumas características para definí-la: Japiassu, por exemplo, indica como condicionantes a "intensidade das trocas" e o "grau de integração real" de duas ou mais disciplinas no âmbito da pesquisa (1976, p. 74); Pinheiro (1999, p. 175) sugere uma reciprocidade de contribuições quanto a conceitos, princípios, técnicas, métodos e teorias; Follari (1982) refere-se à necessidade de constituição de uma nova disciplina; e Palmade (apud POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994) fala de uma "axiomática nova e comum".

Quanto à *transdisciplinaridade* parece haver um consenso em torno da sua definição: Berger (1972) refere-se a uma "axiomática comum a um conjunto de disciplinas"; Gusdorf (1972) fala de "transcendência" e de "objeto comum"; Jantsch (1972) e Pombo, Guimarães e Levy (1994) aproximam-se, numa abordagem centrada no ensino, na qual a transdisciplinaridade seria o último grau de coordenação entre disciplinas, num sistema de níveis e objetivos múltiplos; e Piaget (1972) faz alusão a um "sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas".

A partir dessas diversas classificações das possíveis relações entre diferentes disciplinas, podemos visualizar o que denominamos de *campo extradisciplinar da Arquivística*, ou seja, as suas relações com outras disciplinas, as quais variam conforme os posicionamentos de diferentes autores. Aqui apresentamos essas relações no âmbito da produção científica relacionada à área, nas seções seguintes.

3. Relações extradisciplinares na graduação

Em relação à produção científica com temáticas relacionadas à Arquivística, no âmbito da graduação, a pesquisa desenvolveu-se em três etapas:

a) mapeamento dos projetos de iniciação científica do Curso de Arquivologia da UnB, quando identificamos quatorze projetos, com uma concentração de projetos no período 2003-2004[15]. Constatamos, também, que a partir de 2000 essa produção aumentou, quando a comparamos com o período anterior (1994 – 1999). Por outro lado, notamos que, de um quadro de nove professores efetivos, à época do nosso levantamento, quatro desenvolveram projetos, o que expressa uma regularidade na participação do corpo docente no PIBIC[16]. Do total de projetos mapeados, a maioria relaciona-se aos arquivos e à sociedade, ao objeto e à finalidade da Arquivística e às funções arquivísticas. Por outro lado, não observamos os temas tecnologias e suportes/tipos de arquivos em nenhum dos projetos mapeados, como apresentado no quadro 6.

Quadro 6: Temáticas predominantes nos projetos de iniciação científica produzidos no Curso de Arquivologia da UnB (1994-2005)

Tema	Freqüência (N)
Objeto e finalidade da arquivística	9
Arquivos e sociedade	10
História dos arquivos e da arquivística	6
Funções arquivísticas	9
Gestão dos programas e dos serviços de arquivos	1
Tecnologias	-
Suportes e tipos de arquivos	-
Meio profissional dos arquivos	6
Problemas particulares relativos aos arquivos	5

Fonte: elaboração própria, com base em Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 76) e Araújo (2006).

b) Mapeamento dos projetos desenvolvidos no âmbito dos demais cursos de Arquivologia, com a identificação de nove projetos, dos quais a maioria dos projetos levantados está na Universidade Federal da Bahia (UFBA)[17]. As principais temáticas que os perpassam são: objeto e finalidade da Arquivística (semelhantemente aos projetos do Curso de Arquivologia da UnB) e meio profissional dos arquivos. Nesse último caso, vemos uma preocupação quanto ao estudo de rotinas e de documentos produzidos por instituições específicas, isto é, estudos de caso. Não identificamos projetos sobre gestão dos programas e dos serviços de arquivo, bem como sobre problemas particulares relativos aos arquivos, conforme quadro 7.

Quadro 7: Temáticas predominantes nos projetos de iniciação científica produzidos nos Cursos de Arquivologia da UEL, UFSM, UFBA e UNIRIO (2001-2005)

Tema	Freqüência (N)
Objeto e finalidade da arquivística	8
Arquivos e sociedade	5
História dos arquivos e da arquivística	4
Funções arquivísticas	2
Gestão dos programas e dos serviços de arquivos	-
Tecnologias	2
Suportes e tipos de arquivos	1
Meio profissional dos arquivos	7
Problemas particulares relativos aos arquivos	-

Fonte: elaboração própria, com base em Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 76) e Araújo (2006).

Por outro lado, os resultados de alguns cursos devem ser interpretados com bastante cautela. O escopo de nossa pesquisa era os projetos de iniciação científica institucionais, mas isso não quer dizer que os cursos que não os têm, não desenvolvam pesquisas. Alguns cursos – como o da UFSM e o da UNIRIO, por exemplo – têm nos seus currículos os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)[18].

c) Mapeamento dos projetos de iniciação científica com temáticas relacionadas à Arquivística nos cursos de Biblioteconomia, em que identificamos sete projetos, que têm como temas predominantes: objeto e finalidade da Arquivística, arquivos e sociedade e meio profissional dos arquivos, de acordo com o quadro 8. Semelhantemente ao caso dos projetos de iniciação científica dos Cursos de Arquivologia da UEL, UFSM, UFBA e UNIRIO, as temáticas predominantes dos projetos dos Cursos de Biblioteconomia tratam do objeto e finalidade da Arquivística e do meio profissional dos arquivos. Curiosamente, observamos uma distribuição uniforme das temáticas nesses projetos, embora não tenhamos notado preocupações voltadas para a gestão dos programas e dos serviços de arquivos.

Quadro 8: Temáticas predominantes nos projetos de iniciação científica produzidos nos Cursos de Biblioteconomia (2000-2005)

Tema	Freqüência (N)
Objeto e finalidade da arquivística	4
Arquivos e sociedade	4
História dos arquivos e da arquivística	1
Funções arquivísticas	3
Gestão dos programas e dos serviços de arquivos	-
Tecnologias	1
Suportes e tipos de arquivos	1
Meio profissional dos arquivos	4
Problemas particulares relativos aos arquivos	3

Fonte: elaboração própria, com base em Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 76) e Araújo (2006).

Portanto, a maioria dos projetos de iniciação mapeados converge para preocupações acerca do objeto e finalidade da Arquivística, bem como quanto aos arquivos e sociedade.

4. Relações extradisciplinares na pós-graduação

A partir do mapeamento das linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação do Brasil que pudessem abrigar pesquisas relacionadas à Arquivística, foi possível constatar a sua concentração nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/UFRJ)[19], Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), UnB e Universidade de São Paulo (USP). Os programas de pós-graduação que possuem o maior número de dissertações e teses com essas temáticas são: em Ciência da Informação do convênio UFRJ/IBICT, com doze trabalhos; em Ciência da Informação da UnB, com onze; em Ciência da Informação da UFMG, com dez; em História Social da USP, com nove; em Memória Social e Documento, da UNIRIO, com sete trabalhos (conforme quadro 9).

Quadro 9: Distribuição das dissertações e teses com temas relacionados à Arquivística, por Programa de Pós-graduação (1972 a out/2006)

Universidade - Programa de Pós-graduação	Produção científica	
	Dissertações	Teses
UFRJ/IBICT* - Ciência da Informação	11	1
UFRJ - Arquitetura	1	-
UFRJ - Comunicação	1	-
UFRJ - Educação	-	1
UFRJ - História	-	1
UFF - Comunicação, imagem e informação**	3	-
UFF/IBICT - Ciência da Informação	-	1
UFF - História Social**	1	-
USP - Ciências da Comunicação	4	-
USP - História Social**	8	1
USP - Educação	1	-
USP - Ciência Social (Antropologia Social)	1	-
UNESP/Marília - Ciência da Informação	1	-
UFMG - Ciência da Informação	9	1
UFMG - Artes Visuais	1	-
UFPB - Ciência da Informação	1	-
UnB - Ciência da Informação	10	1
UNIRIO - Memória Social	7	-
UNIRIO - Música	1	-
UFBA- Ciência da Informação	-	-
UFBA - Letras e Lingüística	-	1
UFBA - Educação	-	1
UFRGS - Pós-graduação em Comunicação e Informação	-	-
UFSC - Ciência da Informação	-	-
UFSC - Administração	3	-
UFAM - Educação	1	-
UFSM - Engenharia de Produção	3	-
UERJ - Letras	1	-
PUCCAMP - Biblioteconomia e Ciência da Informação	5	-
CEFET	1	-
PUC/RJ - Letras	-	1
PUC/SP - Administração	1	-
Fundação João Pinheiro (Escola de Governo) Administração Pública	1	-
TOTAL	77	10

Fonte: elaboração própria, com base no Banco de Teses da CAPES e nos sítios das universidades e do IBICT.

* Esse curso não está mais na UFRJ, como já mencionamos anteriormente. Preferimos mantê-lo no quadro, pois, de qualquer forma, à época do levantamento era assim que se configurava a produção com temas arquivísticos.

** Nesses programas também foram produzidas teses de livre docência.

Examinando-se os títulos das pesquisas e, em alguns casos, os seus resumos[20], observamos que a maioria das teses e dissertações desenvolvidas nas universidades relaciona-se ao objeto e finalidade da Arquivística, às funções arquivísticas, aos arquivos e a sociedade e ao meio profissional dos arquivos, como apresentado no quadro 10.

Quadro 10: Temáticas predominantes nas dissertações e teses (1972 a out/2006)

Tema	Freqüência (N)
Objeto e finalidade da arquivística	65
Arquivos e sociedade	47
História dos arquivos e da arquivística	6
Funções arquivísticas	56
Gestão dos programas e dos serviços de arquivos	13
Tecnologias	12
Suportes e tipos de arquivos	17
Meio profissional dos arquivos	44
Problemas particulares relativos aos arquivos	20

Fonte: elaboração própria, com base em Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 76) e Araújo (2006).

A análise desse quadro aponta para, pelo menos, duas situações predominantes no âmbito da pesquisa na pós-graduação: a primeira se relaciona a um compartilhamento de interesses de pesquisa quanto a temas amplos, que perpassam a maioria dos estudos arquivísticos, como os arquivos como objetos de intervenção, a finalidade da Arquivística, a utilidade dos arquivos, o papel social e o lugar da Arquivística na sociedade, a Arquivística como disciplina e como profissão e as funções arquivísticas. Esses interesses de pesquisa parecem aproximar-se das conclusões de Bonal Zazo (2003) quanto à multidisciplinaridade e à presença de uma diversidade de metodologias de pesquisa e de enfoques de análise observadas nas pesquisas, com temáticas voltadas para a Arquivística, desenvolvidas nas universidades espanholas.

De forma geral, os temas predominantes das pesquisas relacionadas à Arquivística, produzidas nas universidades brasileiras, parecem convergir para preocupações contemporâneas da área, como a sua própria identidade, o perfil profissional do arquivista, o acesso aos documentos, etc., que parecem influenciar e serem influenciadas por uma mudança de paradigma na trajetória da disciplina. Aos poucos, os seus temas clássicos, tais como o tratamento/organização de documentos (classificação, avaliação, tipologia documental, elaboração de instrumentos de pesquisa, recuperação da informação), que sempre passaram por atividades simplesmente técnicas, vêm sendo objeto de reflexões mais teóricas e, além disso, ampliam-se os interesses dos pesquisadores quanto aos temas acadêmicos. Esses interesses parecem indicar que a Arquivística deixa de ser concebida, aos poucos, como uma disciplina eminentemente técnica e passa a ser reconhecida como uma disciplina de caráter científico, que contempla pesquisas com temas próprios.

Por outro lado, ainda existem preocupações quanto ao estudo de rotinas e de acervos de determinadas instituições (estudos de caso). Nesse caso, essas preocupações

parecem aproximar-se do estudo de Bonal Zazo (2003) quanto às pesquisas, com temas arquivísticos, desenvolvidas fora das universidades, que estão mais voltadas para questões pontuais e técnicas.

5. Configuração de um campo extradisciplinar

A predominância dessas preocupações amplas, que perpassam a maioria das pesquisas relacionadas à área, parece apontar para um amadurecimento dos estudos arquivísticos quanto à formação e à consolidação da Arquivística como disciplina.

Essas pesquisas, consideradas como canais de diálogos entre a Arquivística e as demais áreas que lhe são próximas, sobretudo em relação à Ciência da Informação, parecem configurar as fronteiras entreabertas da disciplina no campo do conhecimento e evidenciar os desdobramentos da sua trajetória quanto aos seus vínculos acadêmico-institucionais e à formação dos docentes dos Cursos de Arquivologia do Brasil, aspectos que se entrecruzam no desenvolvimento histórico da área.

O mapeamento dos vínculos acadêmico-institucionais dos cursos de Arquivologia nos apontou uma estreita relação entre as duas disciplinas: na sua maioria, esses cursos estão inseridos em departamentos de Ciência da Informação (no caso daqueles que estruturalmente estão subordinados a algum departamento). É o caso dos cursos da UnB, UEL, UFES e UNESP. O curso da UFSM vincula-se ao Departamento de Documentação e o da UFMG, à Escola de Ciência da Informação.

Quanto à formação/titulação dos docentes desses cursos, dos 42 professores que responderam ao nosso questionário, seis afirmaram ter o título de mestres em Ciência da Informação, sete, o título de doutores no mesmo curso. Além disso, o único professor que possui pós-doutorado, o tem em Ciência da Informação.

E a produção científica da pós-graduação, com temáticas relacionadas à área demonstrou-nos que, das dissertações e teses mapeadas, há uma concentração das pesquisas oriundas dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação. Do total de 77 dissertações, 31 foram produzidas nesses programas; das dez teses, cinco foram desenvolvidas no âmbito da Ciência da Informação.

Com base nesses aspectos, concluímos que esses diálogos extradisciplinares da Arquivística são base indispensável de sua identidade como disciplina científica, que simultaneamente busca sua autonomia e tece relações com outras disciplinas e áreas do conhecimento.

6. Notas

[1] De antemão, esclarecemos que, embora os cursos de pós-graduação *lato sensu* pareçam ocupar um papel considerável na formação dos arquivistas, não os consideramos no universo pesquisado, pela dificuldade de mapeá-los e qualificá-los, particularmente quanto às monografias produzidas nesses cursos.
[2] Os principais programas de pós-graduação que pesquisamos foram em: Ciência da Informação, História, Administração e Comunicação.
[3] Essa autora utilizou como filtros temáticos *Arquivos*, *Arquivologia* e *Arquivística*. Nós utilizamos apenas os dois últimos filtros, tendo em vista a atualização do mapeamento do projeto de iniciação científica (CUNHA; RODRIGUES, 2003) e desse trabalho de Fonseca.
[4] Os nove campos de pesquisa propostos pelos autores são: 1) Objeto e finalidade da arquivística; 2) Arquivos e sociedade; 3) História dos arquivos e da arquivística; 4) Funções arquivísticas; 5) Gestão dos programas e dos serviços de arquivos; 6) Tecnologias; 7) Suportes e tipos de arquivos; 8) Meio profissional dos arquivos; 9) e Problemas particulares relativos aos arquivos (COUTURE; MARTINEAU; DUCHARME, 1999, p. 76).
[5] THOM, René. Vertus et dangers de l'interdisciplinarité. In: *Apologie du Logos*. Paris: Hachette, 1990, p. 636-643.
[6] PALMADE, Guy. *Interdisciplinaridad y ideologias.* Madrid: Narcea, 1979.
[7] MARION, Jean-Luc. A interdisciplinaridade como questão para a Filosofia. *Presença Filosófica*, v. IV, n. 1, p. 15-27, 1978.
[8] DELATTRE, Pierre. Recherches interdisciplinaires. In: *Encyclopedia Universalis*. Paris: Organum, 1973, p. 387-394.
[9] RESWEBER, Jean-Paul. *La méthode interdisciplinaire*. Paris: Puf, 1981.
[10] DELATTRE, Pierre. Recherches interdisciplinaires. In: *Encyclopedia Universalis*. Paris: Organum, 1973, p. 387-394.
[11] GUSDORF, Georges. Réflexions sur l'interdisciplinarité. *Bulletin de Psychologie*, v. XLIII, n. 397, 1990, p. 847-868.
[12] PALMADE, Guy. *Interdisciplinaridad y ideologias.* Madrid: Narcea, 1979.
[13] RESWEBER, Jean-Paul. *La méthode interdisciplinaire*. Paris: Puf, 1981.
[14] THOM, René. Vertus et dangers de l'interdisciplinarité. In: *Apologie du Logos*. Paris: Hachette, 1990, p. 636-643.
[15] A relação dos projetos mapeados é detalhadamente apresentada na dissertação (MARQUES, 2007).
[16] Desses nove professores do Curso de Arquivologia da UnB, dois, apesar de serem doutores, só passaram a compor o corpo docente desse curso recentemente, o que justifica suas ausências do quadro.
[17] Embora tenhamos ampliado o mapeamento dos projetos de iniciação científica relativos aos outros cursos de Arquivologia à época do nosso mapeamento, as informações referentes a esses projetos não refletiam a realidade da produção científica no âmbito da graduação nessas outras 8 universidades - Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) –, uma vez que não obtivemos resposta da UFES, da UFF e da UFRGS e é bastante provável que existam projetos nos seus Cursos de Arquivologia.
[18] No I Congresso Nacional de Arquivologia (Brasília, 23-26 de novembro de 2004) foram apresentados trabalhos que resultaram de pesquisas de Conclusão de Curso (TCC's).
[19] Em 2003, esse programa foi descredenciado e o convênio do IBICT com a UFRJ foi transferido para a UFF. Em 2008, foram disponibilizadas, na Internet, informações sobre a reintegração do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT à UFRJ, na unidade acadêmica da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis deixando, portanto, de funcionar em convênio com a UFF.
[20] Os resumos das dissertações e teses mapeadas no Banco de Teses da CAPES foram lidos nos casos em que os seus títulos não eram claros quanto à relação temática com a Arquivística.

7. Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Classificação temática para o mapeamento de campos científicos: estudo de caso na área de comunicação social. In: ENANCIB, VII., 2006, Marília, SP: *Anais*... Marília: UNESP, 2006. 1 CD-ROM, p. 1166-1177.

BERGER, Guy. Opinions e realités. In: CERI. *L'interdisciplinarité*: problèmes de l'enseignement et de recherche dans les universités. Paris: OCDE, 1972, p. 19-74.

BONAL ZAZO, José Luis. *La investigación universitaria sobre archivos y archivística en España a través de las tesis doctorales*. 2003. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/ multidoc/multidoc/revista/num10/paginas/pdfs/Jlbonal.pdf>. Acesso em 18 jan. 2007.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu*: sociologia. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.

COUTURE, Carol; MARTINEAU, Jocelyne; DUCHARME, Daniel. *A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo*. Brasília: FINATEC, 1999.

CUNHA, Angelica Alves da; RODRIGUES, Georgete Medleg. A pesquisa em Arquivística no Brasil: um estudo da produção científica nos programas de pós-graduação e de iniciação científica e do papel das agências financiadoras. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UnB, 9., 2003, Brasília. *Resumos*... Brasília: UnB, 2003. 1 CD-ROM.

FOLLARI, Roberto. *Interdisciplinariedad*: los avatares de la ideologia. Cidade do México: Casa abierta ao tiempo, 1982.

FONSECA, Maria Odila. *Arquivologia e Ciência da Informação*: (re)definição de marcos interdisciplinares. 1997. 181 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GOMES, Henriette Ferreira. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. *DataGramaZero*, v. 2, n. 4,

ago/2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago01/F_I_aut.htm>. Acesso em 02 ago. 2006.

JANTSCH, Erich. Vers l'interdisciplinarité et la transdisciplinarité dans l'enseignement et l'innovation. In: CERI. *L'interdisciplinarité*: problèmes de l'enseignement et de recherche dans les universités. Paris: OCDE, 1972, p. 98-125.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MARQUES, Angelica Alves da Cunha. *Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil*. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MICHAUD, Guy. Problemes et solutions: conclusions générales. In: CERI. *L'interdisciplinarité*: problèmes de l'enseignement et de recherche dans les universités. Paris: OCDE, 1972, p. 293-300.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PIAGET, Jean. L'epistemologie des relations interdisciplinaires. In: CERI. *L'interdisciplinarité*: problèmes de l'enseignement et de recherche dans les universités. Paris: OCDE, 1972, p. 131-144.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: Pinheiro, Lena V. Ribeiro (org.). *Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade*. Brasília/Rio de Janeiro, IBICT/DDI/DEP, 1999, p. 155-182.

POMBO, Olga; GUIMARÃES, Henrique M.; LEVY, Teresa. *A interdisciplinaridade*: reflexão e experiência. Lisboa: ed. Texto, 1994.